

## VOZES DA UTOPIA: FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

## VOICES OF UTOPIA: THE WORLD SOCIAL FORUM

Manuela Salau Brasil<sup>1</sup>

### RESUMO

No ano em que comemoramos os 500 anos da criação da palavra utopia, registramos a décima quinta edição do Fórum Social Mundial (FSM), evento que galvanizou nossas esperanças utópicas por uma sociedade melhor. Explorar a relação entre eles é o objetivo deste artigo, com o argumento central de que o FSM representa um exercício utópico atual. Para tanto, nos ocupamos com o conceito de utopia, privilegiando o pensamento do filósofo Ernst Bloch, entendendo que suas contribuições revitalizaram a compreensão sobre o tema. Da mesma forma, relatamos a origem e os propósitos do Fórum Social Mundial, centrando na edição temática de 2016, ocorrida no início do ano na cidade de Porto Alegre - Rio Grande do Sul. E com a pretensão de enriquecer esta análise, buscamos conhecer o entendimento sobre utopia na visão dos participantes deste evento, utilizando para isso os resultados de 34 entrevistas, bem como das falas proferidas em oficinas e debates. Com isso, pretendeu-se investigar em que medida o FSM é identificado com um espaço de promoção de utopias sociais, sobretudo a partir da análise dos depoimentos daqueles e daquelas que apostam num futuro melhor.

**PALAVRAS-CHAVES:** utopia, Fórum Social Mundial, Ernst Bloch.

### ABSTRACT

The year we celebrated the 500th anniversary of the creation of the word "utopia" was also marked by the 15th edition of the World Social Forum (WSF), an event that galvanized our utopian hopes for a better society. The purpose of the present paper is to explore the relationship between utopia and the Forum relying on the key proposition that the WSF

---

<sup>1</sup> Economista, Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: manu\_lela2@hotmail.com

represents a current utopian exercise. To that end, we refer to the concept of utopia of philosopher Ernst Bloch, as we believe his contributions revitalized the understanding of that notion. In addition, we give an account of the origins and goals of the WSF with a focus on the 2016 thematic edition held in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul state. To further substantiate this analysis, we assess the understanding of utopia from the perspective of Forum participants through recorded material collected from 34 interviews as well as participants' utterances at workshops and roundtables. The ultimate goal of this endeavor was to find to what extent the WSF is identified as a space for fostering social utopias, with an emphasis on the analysis of the statements of those who are confident in a better future.

**KEY-WORDS:** Utopia, World Social Forum, Ernst Bloch.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Thomas More escreveu, em 1.516, "A utopia ou o tratado da melhor forma de Governo", inaugurando assim não apenas um gênero literário, mas um debate que ultrapassa sua época e sua origem. A obra começa com uma crítica à sociedade inglesa, para depois apresentar uma sociedade oposta a ela, a ilha imaginária de Utopia. Quanto ao debate, podemos resumir-lo a uma escolha dicotômica: utopia diz respeito a um mundo real ou fantasioso? A balança pende para associá-la com esta última opção, e o "Fim das utopias" seria a pá de cal desta disputa.

No entanto, a utopia continua a nos desafiar. Possível ou não, ela sequer saiu de cena, mantendo-se atuante mesmo que nem sempre de forma central e declarada. Nos referimos às utopias sociais, considerando que sua presença é o combustível para as esperanças em lutas de diversos movimentos atuais. Para este artigo, focalizamos o Fórum Social Mundial (FSM), considerando que o slogan "outro mundo é possível" revela seu espírito utópico. Será esta a compreensão dos participantes deste evento? Em que medida o FSM é relacionado com uma utopia social? E, afinal, qual a relevância de haver ou não tal correlação?

O objetivo deste texto, portanto, é investigar a relação entre utopia e o FSM, a partir de duas dimensões: em uma perspectiva teórica, através da apresentação de autores que contribuíram com a discussão sobre a categoria utopia, com destaque para Ernst Bloch; do ponto de vista empírico, através das discussões produzidas e de entrevistas realizadas durante o Fórum Social Mundial temático em janeiro de 2016.

O primeiro Fórum Social Mundial ocorreu em 2001, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e reuniu aqueles que, descontentes com o sistema capitalista, almejavam uma sociedade melhor. O evento vem se repetindo desde então, em outros locais e novos formatos, mas mantendo a aspiração original de contraposição ao sistema dominante.

Sob o lema “outro mundo é possível”, destaca-se como um espaço onde se encontram diversas bandeiras de lutas, todas elas convergindo sobre a insustentabilidade do sistema atual, e sua necessária transformação. O espírito utópico parece estar presente, um exercício utópico parece ser acionado, embora a palavra utopia nem sempre seja proferida.

Se há unanimidade em torno das críticas, o mesmo não se verifica nas discussões sobre as alternativas e proposições para configurar o outro mundo possível. Para avaliar este e outros desafios da trajetória das edições do FSM, foi realizado no início de 2016 um Fórum Social Mundial temático, em Porto Alegre, como um encontro preparatório para a edição anual sediada no Canadá. Nesta ocasião coletou-se depoimentos de participantes, cujas falas servirão de subsídio para esta análise, numa mediação com a teoria.

Desta forma, após esta introdução nos dedicaremos ao debate teórico sobre utopia, descrevendo brevemente sua origem e as principais características deste campo, para então nos determos em considerações teóricas a partir da obra de Ernst Bloch, sobretudo sobre a distinção entre a utopia abstrata e utopia concreta, numa interlocução com a perspectiva de David Harvey e contribuições de Zygmunt Bauman. Na sequência, relataremos brevemente o histórico e os objetivos do FSM, com atenção ao evento citado anteriormente, para então analisarmos os principais resultados das falas de seus participantes, e ao final concluiremos com algumas observações extraídas e aprendidas

desta experiência.

## 2 DA UTOPIA

Em seu uso cotidiano, a palavra utopia está geralmente associada a significados depreciativos, sugerindo impossibilidade, ilusão, ingenuidade e um otimismo exagerado e infundado num futuro irrealizável. No campo da ciência, repete-se a visão predominante de algo dissociado da realidade, tratando-se, portanto, de uma categoria pouco científica.

A palavra foi criada por Thomas More (1477/8 - 1535), humanista, advogado inglês, membro da corte de Henrique VIII e chanceler do reino, que assim nomeia a ilha imaginária e também o título de sua principal obra: "A utopia ou o tratado da melhor forma de Governo" (1516).

O livro é dividido em duas partes: a primeira, escrita em 1516, consiste numa crítica à sociedade inglesa; a segunda parte, escrita um ano antes, descreve a ilha de "Utopia", supostamente visitada por Rafael Hythlodeo em suas viagens com Américo Vespúcio (1454-1512). A ilha imaginária provocou a imaginação de uma Europa que enfrentava seus problemas, e que via nas descobertas do novo mundo a inspiração para um futuro promissor. A descrição da ilha perfeita, imune ao sistema dominante no velho mundo, revelava, de certa forma, que outro mundo era possível...

Outros autores escreveram sobre suas utopias, relatando detalhes e virtudes sobre seus lugares imaginados, numa tradição que reforçou a visão de utopia como idealização de um futuro perfeito. No entanto, a criação da palavra foi ulterior às manifestações de conteúdos utópicos, o que sustenta nosso argumento de que a utopia é imanente ao homem. Reforçamos esta hipótese nos apoiando em Lima, para quem a utopia não só é constitutiva do homem, mas defende que a relação entre homem e natureza surge o "primeiro produto utópico": a cultura. (LIMA, 2008).

A partir desta premissa estamos convencidos de que não deve haver uma vinculação obrigatória e linear entre o conceito e a obra de More. Não se trata de contestar a relevância do referido livro, mas sim, de considerar uma multiplicidade de sentidos que

a utopia pode assumir, para além do gênero literário.

Com o cuidado de não negligenciar esta discussão, mas sem correr o risco de tomá-la como questão central, optamos pela sistematização elaborada por Backo, que agrega as pesquisas sobre utopia em cinco grupos, assim divididos:

a) Pesquisas sobre o gênero literário puro, as 'utopias romanescas' e sua história, processos narrativos, estratégias discursivas, etc.[...] b) Pesquisas sobre o pensamento utópico, a sua evolução, os temas orientadores, as suas ramificações, etc. [...] c) Trabalhos sobre as utopias postas em prática, a história e a sociologia das comunidades exemplares restritas que se propuseram materializar a idéia-imagem da alteridade social nas suas instituições, modo de vida, relações sociais e humanas [...] d) Estudos sobre os materiais simbólicos com que operam as utopias, assim como as suas combinações específicas, sobre as relações historicamente variáveis entre utopias e os mitos sociais, os milenarismos, messianismos, etc. e) Estudos sobre as utopias num 'período quente', em que a criatividade utópica se intensifica e as utopias mantêm relações particularmente intensas como os movimentos sociais, as correntes ideológicas, o imaginário colectivo, etc., o que permite fazer ressaltar, nomeadamente, as linhas de força da evolução do fenómeno utópico, as particularidades históricas das diversas formas de discurso utópico, as funções sociais variáveis da utopia. etc. (BACKO, 1985, p.355).

Com base nestas ramificações, legitimamos a opção pelas utopias sociais como campo de pesquisa, foco do presente texto. O imbróglio conceitual e a amplitude do tema não embaralham apenas o significado da utopia, mas de expressões próximas a ela. É o que acontece com o uso dos seguintes conceitos: distopia, utopia negativa, antiutopia ou contrautopia. Utopia e distopia revelam uma visão, um projeto, uma perspectiva de futuro. O que as diferencia é sua natureza, o "sinal" deste futuro: melhor (utopia) ou pior (distopia). Assim, distopia pode ser sinônimo de utopia negativa, mas não de antiutopia. Esta última condena exatamente a projeção de futuro: não se trata de um futuro mais perverso (distopia), mas da opção por não projetá-lo, de uma contrautopia.

Da identificação com visões fantasiosas, céticas, niilistas ou pessimistas, a tese do "Fim das utopias" nos últimos anos do séc. XX foi a senha para decretar a inutilidade deste debate, com as bençãos da ciência. Advogamos, ao contrário, que o fracasso do socialismo real, simbolizado definitivamente pela "queda do muro de Berlin" significou não a morte das utopias, mas de um determinado projeto utópico. As utopias sociais persistem, insistem e se renovam.

É certo também que os valores do capitalismo comprometem as funções da utopia - abafam o pensamento crítico, desestimulam as ações coletivas, disseminam a crença de que são inoperantes e inoportunas as projeções de um futuro melhor. Para Jacoby, há três razões para a descrença nas utopias:

[...]o colapso, iniciado em 1989, dos Estados comunistas; a convicção amplamente difundida de que nada distingue utópicos de totalitaristas; e algo ainda mais difícil de pontuar, mas essencial: um empobrecimento crescente no que pode ser chamado de imaginação ocidental. (JACOBY, 2007, p.30-31)

No discurso para sepultar as utopias, sobrepõem-se um discurso ideológico, muito mais do que técnico. O empobrecimento da imaginação, citado acima, é produto de uma cultura que prima por uma racionalidade sustentado no real, no aqui e agora. E mesmo um certo discurso acadêmico adota este tom, assumindo que as utopias foram julgadas e condenadas pela história. A adesão a estes discursos não é em vão, como nos alerta Sousa:

Desqualificar a utopia, discurso tão vigente em nosso tempo, é uma arma dos espíritos conservadores. A associação entre impossível e utopia produziu em nosso tempo uma atitude de desqualificação de todas as ações que se reclamam deste princípio. (SOUSA, 2007, p.21).

Valorizar o pensamento utópico, entretanto, requer um posicionamento crítico, uma posição de vigilância para afastar leituras ingênuas e interpretações simplistas. Refutar a tese do fim das utopias não equivale, por exemplo, a deixar de admitir que elas se ressentem da dinâmica social, como nos lembra Baczkó:

Em determinadas épocas, as utopias não passam de um fenômeno marginal e isolado. Noutras, porém, a criatividade utópica intensifica-se. À medida que o número de textos utópicos aumenta, uma singular afinidade une as utopias às estruturas mentais e às idéias mestras da época. A utopia mantém, pois, relações múltiplas e complexas com as idéias filosóficas, as letras, os movimentos sociais, as correntes ideológicas, o simbolismo e o imaginário colectivos. As fronteiras das utopias tornam-se tanto mais móveis quanto mais abarcam a dinâmica social e cultural. Oferecem estruturas de acolhimento às esperanças colectivas em busca de uma idéia moral e social, intervindo assim como agente activo que contribui para a cristalização de sonhos confusos. [...] Constituem um dispositivo de eficácia variável que garante um esquema colectivo de interpretação e unificação, simultaneamente, do campo das experiências sociais e do horizonte de expectativas, recusas, temores e esperanças, que rodeia aquele campo. (BACZKO, 1985, p.346)

Reconhecemos que há períodos em que as utopias sociais se manifestam mais

intensamente que outros, ao mesmo tempo em que identificamos sua presença em todos os períodos históricos e em todas as sociedades. Sua persistência materializa-se na pluralidade de modos de vida, nas reivindicações dos movimentos sociais, na insistência de autores que desafiam conceitos e quadros analíticos pré-definidos, como é o caso do filósofo Ernst Bloch.

Ernst Bloch nasceu em 8 de julho de 1885 na cidade de Ludwigshafen, e morreu em 4 de agosto de 1977 na cidade de Tübingen. Alemão, de família judia, exilou-se em lugares como Zurich, Paris, Viena, Praga, EUA, retornando para a Alemanha em 1949. Foi nos EUA que escreveu seu principal livro "O Princípio Esperança", que tomaremos como referência para este artigo. (BRASIL, 2011).

A opção pela teoria de Ernst Bloch deve-se ao reconhecimento de que nela a utopia perde o estatuto de categoria marginal, ineficaz e fictícia. O autor ressignifica não só a utopia, mas também a esperança, os sonhos e a imaginação, possibilitando a defesa da utopia como algo positivo, concreto e político, ao mesmo tempo em que lhe confere a condição de categoria científica.

É a partir da esperança que Bloch recupera e valoriza a utopia: a esperança é o antídoto contra o ceticismo e o niilismo, incitando a imaginação a pensar em cenários "ainda não" realizados. Por sua vez, a imaginação alimenta os sonhos diurnos que são traduzidos em utopias.

É fundamental ressaltar a distinção dos conteúdos tanto das esperanças quanto dos sonhos diurnos, pois deles advém os significados diferentes de utopia. A esperança e os sonhos diurnos baseados na ilusão, na fantasia, no desejo sem vínculo com a realidade, geram as utopias abstratas. Parece ser este o significado usual do termo, que banalizado, tornou-se sinônimo de impossibilidade e até mesmo de certa ingenuidade. Todavia, os sonhos diurnos e as esperanças, quando assentados em análises sobre determinada realidade histórica, podem originar utopias concretas, ou seja, possíveis de serem realizadas. E esta nos parece ser a fundamental contribuição de Bloch, que ao reconhecer os dois sentidos deste conceito dá outra dimensão ao tema.

Portanto, se por um lado é concebido como uma projeção inatingível, um desejo

irrealizável, fonte de um otimismo sem respaldo na realidade, e neste sentido é uma utopia abstrata, por outro, o conceito de utopia concreta remete a possibilidade, processo, construção, transformação, e desta forma convoca a um otimismo militante.

Entre o otimismo ingênuo e o pessimismo tem-se o otimismo militante em que o "saber da decisão" é validado pela possibilidade real de uma utopia concreta e onde o sujeito é convocado ao trabalho e a ação. O otimismo militante opera como um fator subjetivo, e na exigência da conjugação entre fatores subjetivos e objetivos, Bloch garante que aquele é tão material quanto este: "Trata-se da decisão revolucionária do proletariado, que se aplica hoje, na batalha final das libertações: uma decisão do fator subjetivo aliado aos fatores objetivos da tendência econômico-material." (BLOCH, 2005, p.197).

Em resumo, o que diferencia a utopia concreta da utopia abstrata é sua possibilidade de realização. Assim, a possibilidade é uma categoria chave para a compreensão da natureza da utopia concreta, e por este motivo o autor faz uma divisão em quatro níveis distintos. No primeiro nível ela é apenas formal, ou seja, não tem compromisso com a realidade. Nos dois níveis seguintes a possibilidade é limitada pela ausência de uma das condições exigidas – seja a condição interna ou externa. Bloch ilustra esta insuficiência: "Uma florescência com certeza pode fazer madurar o fruto dentro de si mesma com a plena condicionalidade interna, mas se faltar a condição externa plena de bom tempo, o fruto permanece meramente possível". (BLOCH, 2005, p. 229). É no quarto nível de possibilidade que a coexistência entre estas condições dá origem a utopia concreta, muito embora, nas palavras de Bloch : "O próprio 'germe' ainda se encontra diante de muitos saltos...". (2005, p. 235)

As possibilidades em relação ao futuro advêm de uma análise que agrega componentes subjetivos (internos) e objetivos (externos), que se baseia tanto na realidade já existente quanto nos movimentos que nela se insinuam como tendência e latência. O futuro é concebido como um processo em aberto, e não como fatalidade ou mera reprodução do presente, e a instalação de processos de mudança depende tanto destas análises objetivas quanto da ação e do trabalho humano e do otimismo militante. A atitude do otimismo militante, ao contrário do pessimismo e do otimismo ingênuo, autoriza a

esperança e convoca a participação humana, uma vez que a possibilidade de transformação foi autorizada pelas análises de tendência e latência da realidade.

Se quando ignoramos os movimentos de latência e tendência, produzimos utopias abstratas, quando autonomizamos estes processos (exigimos que eles se mostrem “maduros”) podemos atrasar ou inibir a ação. Sobre isto Bloch adverte: “[...] jamais estarão completamente maduras ou tão perfeitas que não precisem de uma vontade de agir nem de um sonho antecipatório no fator subjetivo dessa determinação”. (BLOCH, 2006, p.135)

Deve-se salientar que mesmo submetidas a todas estas análises, não há garantias de que as utopias sejam concretizadas, o que é coerente com a visão de futuro em aberto. Não há resultados previamente antecipados, tampouco modelos ou guias a serem seguidos, ou seja, não é com um futuro preconcebido e perfeito que identificamos as utopias concretas.

Imputar à utopia a capacidade de imaginar um futuro descrito em detalhes e geralmente com um desfecho feliz – perfeito – corresponde ao que Jacoby (2007) intitula de corrente projetista do pensamento utópico, da qual faz parte Thomas More. A ela se contrapõe a corrente iconoclasta, de quem Ernst Bloch é um dos representantes, e que não traz esta preocupação com imagens e características pormenorizadas de um cenário futuro. Sobre esta distinção, tem-se que:

Os utopistas projetistas mapeiam o futuro a cada centímetro e minuto. [...] Os detalhes foram, algumas vezes, inspiradores.[...] No entanto, a informação detalhada sobre tamanho, dieta e modas do futuro incorre em muitos riscos.[...] utopistas iconoclastas, aqueles que sonharam uma sociedade superior, mas que se recusaram a apresentar medidas precisas. No sentido original e por razões originais, eles eram iconoclastas, eram contestadores e destruidores de imagens.[...]O Spirit of Utopia, de Ernst Bloch, obra clássica do gênero, de 1918, não oferece qualquer detalhe concreto sobre o futuro. (JACOBY, 2007,p.15;16;17)

Com tais subsídios, podemos repensar a utopia no campo científico, rompendo com um preconceito alimentado por diferentes correntes do pensamento. Bloch promove a discussão da própria noção de ciência, também dentro do marxismo. Segundo ele, o marxismo é formado pela união entre corrente fria e corrente quente: a primeira dedica-se a análise das condições históricas-econômicas que limitam as possibilidades

concretas, enquanto a segunda refere-se a expectativa, encantamento, ao que ainda não é possível. De acordo com o autor: "Eles se relacionam um com o outro como o que não pode ser enganado [análise fria] e o que não pode ser decepcionado [análise quente]". (BLOCH, 2006, p.206)

Se de um lado a análise sobre o possível (corrente fria) tem o "horizonte como limitador", nas análises sobre o sendo-em-possibilidade (corrente quente), o horizonte é aquele "ainda não esgotado e ainda não realizado". Mesclam-se assim medidas para "esfriar" o entusiasmo ilusório e outras para "aquecer" e iluminar a realidade para além do tempo presente.

Fica evidente que Bloch subverte aspectos e conceitos da ciência, uma ciência, aliás, que não é imune a lógica do capital. Suas elaborações sobre latência, tendência, possibilidade, por exemplo, permitem enxergar o futuro como um campo aberto para projetos em disputa, num horizonte em que é possível de fato o sujeito fazer sua história. Assim, a utopia concreta articula ciência, sonhos e ação, sem prescindir de nenhum destes elementos. E neste fluxo, percebe as relações estabelecidas na sociedade, visualizando seu funcionamento e movimento.

Esta perspectiva está contemplada e atualizada no pensamento de David Harvey, autor que vem analisando as transformações do capitalismo e advoga a favor de um novo pensamento utópico, por ele denominado de "utopismo dialético" ou "utopismo espaço-temporal", destacando a figura do "arquiteto rebelde" e explorando a necessidade de sua encenação em diferentes teatros.

Para a defesa de um pensamento utópico, o autor levanta uma série de considerações em que recupera categorias como sonho, otimismo, imaginação e socialismo, aproximando-se de Bloch.

Mesmo que sob o mantra da falta de alternativas, o FSM movimenta-se em direção contrária, por isso valorizamos seu papel como espaço possível para reabilitação de esperanças e produção de utopias sociais. Sobre isso, podemos nos valer da categoria do utopismo ou da utopia espaço-temporal (ou dialética), elaborada pelo autor, que:

Implica a disposição, mesmo que seja no mundo do pensamento, de transcen-

der ou reverter as formas sociológicas impostas pela acumulação descontrolada do capital, pelos privilégios de classe e pelas amplas desigualdades de poder político-econômico. Esse proceder permite criar um espaço para experimentos mentais sobre possíveis mundos alternativos. Embora esteja presente o risco de isso degenerar em produção de sonhos irrealizáveis, o ajuste do materialismo histórico e geográfico deveria ajudar a transformar esses sonhos em perspectivas efetivamente relevantes. (HARVEY, 2004, p.262)

O uso da imaginação que propicia os “experimentos mentais” e que devem se submeter ao crivo do reconhecimento de sonhos irrealizáveis e das alternativas reais, é semelhante à utopia concreta de Bloch. Assim, a utopia persiste nas teorizações de intelectuais e nas práticas dos movimentos sociais, ambos comprometidos com transformações da sociedade.

Inspirado na passagem de Marx sobre a comparação entre o pior arquiteto e a melhor abelha, Harvey toma a figura do arquiteto como metáfora para expressar a crença na possibilidade humana em projetar e construir nossas vidas. O arquiteto está às voltas tanto com as projeções de espaços como de seus detalhes, promovendo um encontro entre imaginação e as condições concretas. O chamado para agirmos como arquitetos rebeldes comprometidos com um utopismo dialético é assim enunciado:

Imaginemos que somos arquitetos, todos dotados de uma ampla gama de potencialidades e capacidades, inseridos num mundo físico e social pleno de restrições e limitações manifestas. Imaginemos ainda que estamos nos empenhando em transformar o mundo. Na qualidade de habilidosos arquitetos inclinados à rebeldia, temos de pensar estratégica e taticamente acerca do mudar e de onde mudar, sobre como mudar o que e com que ferramentas. Porém também temos de continuar de alguma maneira a viver neste mundo. Temos aqui o dilema fundamental que se acha diante de todo aquele que se interessa por uma mudança progressista. ( HARVEY, 2004, p. 305).

Movidos pelo desejo de transformar, nos deparamos com uma multiplicidade de escolhas e restrições, e com o desafio de incorporar todos os “diferentes teatros” numa arquitetura rebelde. O autor usa esta metáfora para explicar a necessidade de atuarmos – por meio da ação e do pensamento – nos diferentes “teatros [de operação]”, alertando que nenhum deles deve ser privilegiado ou negligenciado. De acordo com ele:

As práticas políticas rebeldes têm de ocorrer em todos os teatros dessa longa fronteira. Para haver uma insurgência generalizada que altere a forma e a direção da vida social são necessárias ações colaborativas e coordenativas em todos os teatros. (HARVEY, 2004, p. 307).

A figura do “arquiteto rebelde” é protagonista no processo da entrada em cena das utopias, uma vez que:

[...] o arquiteto pode [e na verdade deve] desejar, pensar e sonhar a diferença. E, além da imaginação especulativa que necessariamente emprega, ela ou ele tem à disposição alguns recursos especiais de crítica, recursos a partir dos quais gerar visões alternativas a respeito do que poderia ser possível [sic]. Um desses recursos é parte da tradição do pensamento utópico. ‘A partir de onde aprendemos’ pode então assumir a mesma importância, se não maior, que o ‘que podemos ver da posição a partir da qual vemos’. (HARVEY, 2004, p.311).

O pensamento utópico, comprometido com valores e com um futuro melhor, não deve ser rechaçado nem mesmo quando dele brotam ilusões. Tal qual nos disse Bloch, as utopias abstratas têm seu valor quando comparadas com as posições céticas e nihilistas, e Harvey caminha nesta mesma lógica ao creditar a importância da utopia como uma “experiência do pensamento” em que “[...] imaginamos como é ser [e pensar] numa situação diferente.” (HARVEY, 2004, p. 312).

Segundo Harvey, a experiência do pensamento exige uma transformação de nós mesmos e do mundo e, para não cair na armadilha de que uma só é possível com a outra, tornando o problema insolúvel, o autor nos pede tempo, ou usando expressão mais conhecida, doses de “paciência histórica”.

De outra forma, temos em Bloch que “O que importa é saber esperar”:

O ato de esperar não resigna: ele é apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso. A espera, colocada acima do ato de temer, não é passiva como este, tampouco está trancafiada em um nada. O afeto da espera sai de si mesmo, ampliando as pessoas, em vez de estreitá-las: ele nem consegue saber o bastante sobre o que interiormente as faz dirigirem-se para um alvo, ou sobre o que exteriormente pode ser aliado a elas. A ação desse afeto requer pessoas que se lancem ativamente naquilo que vai se tornando [Werdende] e do qual elas próprias fazem parte. (BLOCH, 2005, p.13).

Este pode ser um dos ensinamentos proporcionados pelo FSM: no lugar da pressa em traçar soluções, localizar caminhos, escolher alvos, importa uma espera combativa, construída no coletivo, contando com esperançosos arquitetos e militantes otimistas. Afinal, trata-se de persistir na esperança de transformação, sem mapas e sem roteiros estabelecidos.

Se as manifestações de descontentamento que mobilizam o FSM não chegam

a gerar uma crítica mais densa, tampouco proposições coletivas, isso não invalida sua importância. A espera, citada por Bloch e expressa por Harvey, não deve vir desacompanhada por outros fatores, como explicitados por Bauman:

Para que uma utopia nasça é preciso duas condições. A primeira é a forte sensação [ainda que difusa e inarticulada] de que o mundo não está funcionando adequadamente e deve ter seus fundamentos revistos para que se reajuste. A segunda condição é a existência de uma confiança no potencial humano à altura da tarefa de reformar o mundo, a crença de que 'nós, seres humanos, podemos fazê-lo', crença esta articulada com a racionalidade capaz de perceber o que está errado com o mundo, saber o que precisa ser modificado, quais são os pontos problemáticos, e ter força e coragem para extirpá-los. Em suma, potencializar a força do mundo para o atendimento das necessidades humanas existentes ou que possam vir a existir. (BAUMAN, 2010,p.1)

Há uma espécie de consenso sobre o lugar do aspecto subjetivo como condição para o nascimento de uma utopia, descrito por Bauman, como a "confiança no potencial humano". Ao lado da figura do "otimista militante", proposto por Bloch, e do "arquiteto rebelde", de Harvey, fazemos alusão ao jardineiro, tal qual nos apresenta o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017). Talvez os participantes do FSM sejam jardineiros, promovendo e incentivando o plantio e crescimento de determinadas projeções – antevistas em sua imaginação, representantes, portanto de utopias sociais. "É do jardineiro que tendem a sair os mais fervorosos produtores de utopias. Se ouvimos discursos que pregam o fim das utopias, é porque o jardineiro está sendo trocado, novamente, pela idéia do caçador." (BAUMAN, 2010, p. 3).

O caçador é aquele cuja tarefa é "defender e preservar, por assim dizer, o 'equilíbrio natural'. A ação do caçador repousa sobre a crença de que as coisas estão no seu melhor estágio quando não estão com reparos [...]." (BAUMAN, 2010, p. 2).

Tendemos a acreditar que nos movimentos sociais, e no FSM, o número de jardineiros seja maior que o de caçadores, senão como uma condição de partida, como resultado do processo de lutas e enfrentamentos coletivos. Mas, voltamos a uma questão já debatida, reforçando sua relevância: há clareza sobre as lutas que se deseja travar? Qual a natureza das utopias ali depositadas?

Harvey assinala que há várias lutas anticapitalistas no mundo, mas nem todas são pró-socialistas. Encontrar pontos em comum entre estas lutas a fim de integrá-las

num movimento universal, preservando as especificidades, é um dos desafios para fazer frente a uma política que se favorece com a fragmentação daqueles que poderiam oferecer-lhe oposição. (HARVEY, 2004).

Ao participar do Fórum Social Mundial de 2010, Harvey declarou sua utopia:

Desde o fim dos anos 1990, o Fórum Social Mundial tornou-se o centro de articulação do tema 'um outro mundo é possível'. E agora deve assumir a tarefa de definir como um socialismo ou comunismo são possíveis e como a transição para essas alternativas deve ser realizada. A atual crise oferece uma oportunidade de reflexão a respeito do que pode estar envolvido. ( HARVEY, 2010, p. 57).

Estas duas apreciações remetem a um aspecto trazido de Bloch, qual seja a percepção de que as utopias sociais, que abarcam o conjunto da sociedade, foram substituídas pelas utopias parciais (especializadas), restritas a determinados grupos. Com isso substituiu-se o sonho do melhor para a sociedade pelo sonho do melhor para uma parcela desta sociedade. Bloch cita os movimentos dos jovens, das mulheres e o sionismo como exemplos destas utopias de "emancipação grupal", e reconhece nestes grupos uma carência "da vontade para reestruturar a sociedade toda, como era usual nas grandes utopias sociais." (BLOCH, 2006,p.139), mas admite: "Apesar disso, é digno de nota que os programas limitados a grupos gozam de determinada condição especializada: transitam bem em seus grupos, realizando ali uma colheita de espigas utópicas." (BLOCH, 2006, p. 139)

Em síntese, o autor não desqualifica estas iniciativas, embora deixe claro que seus limites são dados enquanto se mantêm intocada a lógica do capital. Esta relação entre utopias gerais e parciais parece apropriada para compreender os movimentos sociais, incluindo o Fórum Social Mundial, conhecido como o "movimento dos movimentos". Neste sentido, retornamos à citação anterior de Harvey: é o socialismo uma utopia social, a face do outro mundo possível? Em que medida esta questão está exposta no FSM?

### **3 SOBRE O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL (FSM)**

Realizado pela primeira vez em 2001 na cidade de Porto Alegre, capital do Rio

Grande do Sul, o Fórum Social Mundial nasce como uma reação ao Fórum Econômico Mundial de Davos, num contexto de retomada ou intensificação das lutas anticapitalista.

No mesmo ano foi elaborada uma Carta de Princípios, que entre outras coisas, estabeleceu que:

O Fórum Social Mundial é um espaço aberto de encontro para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos da sociedade civil que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo, e estão empenhadas na construção de uma sociedade planetária orientada a uma relação fecunda entre os seres humanos e destes com a Terra. (SOUZA SANTOS, 2005, p.155)

Ao se contrapor à Davos, o FSM não se contenta com a denúncia e a recusa à globalização neoliberal, mas almeja outra globalização. Isto explica a preferência em referir-se a ele como um movimento altermundialista, ao invés de movimento antiglobalização, tendo em vista que está em seu horizonte não apenas a crítica, mas também a busca por alternativa. Para não restar dúvidas, seu slogan deixa claro que: "Outro mundo é possível".

Deve-se investir na potencialidade do slogan, não deixando que seu uso seja apenas retórico. Sobre isso, Buey chama a atenção:

El conocido slogan outro mundo es posible no es sólo una palabra recuperadora del espíritu de la utopía; es también expresión de la convicción interna del movimiento de movimientos en el sentido de que hay ya propuestas alternativas realizables. (BUEY, 2007, p. 23).

O FSM é um amplo movimento constituído por uma diversidade de causas específicas (parciais) e pela luta em favor da transformação social. Esta riqueza é, ao mesmo tempo, seu grande desafio: como conjugar agendas emergenciais com outras de longo prazo? Como conciliar lutas específicas, às vezes até mesmo com interesses antagônicos, com uma luta maior contra o sistema capitalista? E, por fim: há unanimidade ou consenso quanto a um sistema alternativo? As análises produzidas sobre as diversas edições do evento corroboram a hipótese de que o FSM é bem sucedido em reunir os descontentes com o capitalismo, em endereçar-lhe críticas e renovar a disposição para a resistência, mas é frágil em reunir, debater e propor alternativas.

Estas interrogações acompanham a origem do FSM. De caráter internacional e

com múltiplas reivindicações, está sujeito a todo tipo de crítica e desconfiança, especialmente com questionamentos que cobram resultados do ponto de vista mais prático, uma espécie de formatação das inúmeras plataformas a favor de uma "eficiência". Sobre isso, Lowy provoca: "Claro, nenhuma instância aprovou um "programa comum", e nenhuma força política impôs o "seu" projeto." (LOWY, 2008, p.35)

O autor aponta que o Fórum Social Mundial é formado por três momentos que se conectam: "a negatividade da resistência, as proposições concretas, e a utopia de um outro mundo." (LOWY, 2008, p.32). Se a resistência é o ato inicial, a fase da denúncia, o segundo momento é o de projetos conquistados, as "vitórias parciais" a favor da utopia da transformação social. A respeito desta última, afirma:

Além das múltiplas propostas concretas e específicas, o movimento contém uma perspectiva transformadora mais ambiciosa, mais "global", mais universal. Claro, aqui também, perseguiríamos em vão um projeto comum, um programa reformador ou revolucionário consensual. A utopia altermundialista somente se manifesta no compartilhamento de certos *valores comuns*. São estes que desenhavam os contornos desse outro mundo possível". (LOWY, 2008, p.36)

E sobre isso, acrescenta: "Esses valores não definem um paradigma de sociedade para o futuro. Eles fornecem as pistas, aberturas, janelas que se abrem para o possível. O caminho da utopia não está todo traçado; são os próprios caminhantes que o traçarão." (LOWY, 2008, p.37).

Assumimos que a utopia é composta pelas dimensões da crítica e da proposição. A primeira diz respeito a nossa capacidade de resistência, como aludiu Lowy, enquanto a segunda tem se constituído no grande desafio: como propor uma utopia? O âmbito da utopia é exclusivamente global? Sem cair na armadilha das utopias projetistas, a quem caberia o desenho do mundo novo? Para reforçar esta situação, Sousa Santos (2005, p.16) quando escreve sobre o Fórum Social Mundial, observa que esta utopia "afirma-se mais como negatividade [a definição daquilo que critica] do que como positividade [a definição daquilo a que aspira]."

E, neste ponto, retornamos a Bloch para algumas reflexões:

a) Em que medida as "utopias especializadas" destes movimentos sociais podem ser consideradas utopias concretas? A percepção de que há insuficiência de propostas

concretas não estará escondendo outra questão, ou seja, a sustentação de propostas irrealizáveis neste momento histórico no sentido de utopias abstratas? Torna-se, portanto, necessário e urgente, analisar as condições de possibilidades conforme indicado por Bloch, para indicar dentre estas, quais as utopias possíveis de serem concretizadas, ainda que sem a certeza de que isto de fato irá ocorrer.

**b)** O FSM tem o caráter de articular as diferentes utopias especializadas, de fazer a "colheita de espigas utópicas" (Bloch) ou pode constituir, a partir delas, uma grande utopia global? E, quais os limites das utopias de grupo numa sociedade ainda dominada pelo capital? Por outro lado, é possível ainda pensar em uma única utopia global para o século XXI, ou será esta uma utopia abstrata?

Ressaltamos novamente não só a validade como também a importância de analisarmos a utopia a partir de referenciais que a acolham como categoria atual, positiva e científica, compatível com um "outro mundo possível", quem sabe o mundo proclamado pelo FSM.

Após os três primeiros anos em Porto Alegre, o FSM foi sediado em outros países, e em alguns anos ocorreu simultaneamente em várias deles, como estratégia para ampliar e diversificar o público e para manter seu caráter mundial. A edição do ano de 2016 aconteceu em agosto, na cidade de Montreal, Canadá. Antes disso, no primeiro mês do ano, foi organizado um encontro preparatório, o Fórum Social Temático de Porto Alegre, que contou com a participação de mais de 10.000 pessoas em mais de 500 atividades.

A mobilização do evento articulou-se a partir da necessidade de um balanço sobre os 15 anos, contendo nele um chamado para a utopia. De acordo com seus organizadores, o FSM: "Tem contribuído na reconstrução de uma referência utópica para milhões de pessoas que lutam contra o pensamento hegemônico de que não há possibilidades reais de um outro mundo fora das dinâmicas e imposições do mercado capitalista." (FST2016:FSMPoa+15)

Com esta premissa, uma das sete questões sugeridas para orientar o debate foi: "Do ponto de vista da reconstrução da utopia de um outro mundo possível, quais as prin-

cipais contribuições que o FSM trouxe para a sua organização ou movimento social?" (FST2016:FSMPoa+15)

Em sintonia com estas questões, participamos da edição do FSM em Porto Alegre com o objetivo de compreender a relação entre utopia e o FSM. Logo, não é nosso intento propor uma reflexão sobre o balanço do FSM, embora seja necessário admitir (e avaliar) seu encolhimento, especialmente quando comparado com os primeiros anos. Pode-se aventar múltiplos fatores explicativos, como a cobrança por resultados efetivos, as dificuldades em dar seguimento a agendas e operações que incluem pessoas em lugares distantes, o contexto adverso de virada conservadora em vários países e até quem sabe, como causa ou como efeito, uma certa sujeição a hipótese de que utopias não podem ser realizadas....

A diminuição de interesse rebateu em uma menor divulgação e em uma decrescente atenção junto ao campo acadêmico. Se nas primeiras edições foi objeto de inúmeras pesquisas e sínteses, sobre este último, pouco se escreveu.

#### **4 DA RELAÇÃO ENTRE A UTOPIA E O FÓRUM SOCIAL MUNDIAL TEMÁTICO 2016**

Além do aporte teórico sobre a categoria utopia, optamos por enriquecer a análise com os depoimentos dos participantes do evento, com o intuito de captar o significado de utopia e em que medida eles a associam ao FSM. Para isso, entrevistamos 34 participantes, selecionados aleatoriamente. Não foram definidas a priori um número de entrevistas, que foram encerradas na medida em que as respostas se repetiam. São 19 homens e 15 mulheres, com idade variando entre 13 a 71 anos. Abaixo um breve perfil dos participantes, sendo que o número correspondente a cada um deles é utilizado para identificar as falas inseridas no texto.

1- Homem, idade entre 25 e 39 anos, membro de partido político, psicólogo, reside no Rio Grande do Sul.

2- Homem, mais de 60 anos, participante de movimento social, psicólogo, reside em Minas Gerais.

3- Mulher, idade entre 25 e 39 anos, membro de partido político, estudante, reside no Rio Grande do Sul.

4- Mulher, idade entre 25 e 39 anos, psicóloga, reside no Rio Grande do Sul.

5- Homem, idade entre 40 e 49 anos, administrador, reside no Rio Grande do Sul.

6- Homem, idade entre 40 e 49 anos, desenhista, reside no Rio Grande do Sul.

7- Mulher, idade entre 50 e 59 anos, participante de ONG, educadora, reside no Rio de Janeiro.

8- Homem, idade entre 25 e 39 anos, biólogo, reside no Rio de Janeiro.

9- Homem, idade entre 25 e 39 anos, participante de sindicato, biólogo, reside no Paraná.

10- Mulher, idade entre 50 e 59 anos, voluntária em ONG, reside no Rio Grande do Sul.

11- Homem, até 24 anos, participante de ONG, estudante, reside no Rio Grande do Sul.

12- Homem, idade entre 40 a 49 anos, professor, reside no Rio Grande do Sul.

13- Mulher, idade entre 25 e 39 anos, professora de educação física, reside no Rio Grande do Sul.

14- Homem, idade entre 25 e 39 anos, participante de sindicato, educador, reside na Bahia.

15- Homem, idade entre 40 e 49 anos, representante do Fórum Estadual de Educação, educador, reside no Maranhão.

16- Homem, idade entre 40 e 49 anos, funcionário público municipal, pedagogo, reside no Rio Grande do Sul.

17- Mulher, idade entre 50 e 59 anos, funcionária pública da área da saúde, reside

no Distrito Federal.

18- Homem, idade entre 40 e 49 anos, participante de sindicato, educador, reside no Tocantins.

19- Mulher, idade entre 25 e 39 anos, representante do conselho de psicologia e do fórum de educação, reside em São Paulo.

20- Homem, idade entre 40 e 49 anos, participante do fórum e conselho da saúde, psicólogo, reside em Minas Gerais.

21- Mulher, idade entre 40 e 49 anos, representante das mulheres trabalhadoras rurais, reside no Maranhão.

22- Homem, até 24 anos, membro da União Juventude Socialista, estudante, reside no Rio Grande do Sul.

23- Homem, idade entre 25 e 39 anos, membro da associação de quilombolas, trabalhador rural e estudante, reside no Espírito Santo.

24- Mulher, idade entre 50 e 59 anos, fotógrafa, reside no Rio Grande do Sul.

25- Homem, idade entre 25 e 39 anos, estudante alemão em período de residência no Rio Grande do Sul.

26- Mulher, mais de 60 anos, participante de movimento sindical, reside no Amazonas.

27- Mulher, até 15 anos, participante de projeto na escola, estudante, reside no Rio Grande do Sul.

28- Homem, idade entre 25 e 39 anos, professor, reside em São Paulo.

29- Mulher, idade entre 25 e 39 anos, membro da CUT, enfermeira, reside no Paraná.

30- Homem, até 24 anos, estudante, reside no Rio Grande do Sul.

31- Homem, idade entre 40 e 49 anos, estudante, reside no Rio Grande do Sul.

32- Mulher, idade entre 25 e 39 anos, participante de sindicato, reside no Rio Grande do Sul.

33- Mulher, idade entre 40 e 49 anos, professora, reside no Ceará.

34- Mulher, mais de 60 anos, reside no Rio Grande do Sul.

O principal objetivo da aplicação do questionário foi identificar a concepção de utopia para os participantes do FSM, e em que medida eles relacionam uma à outra, por isso a primeira pergunta foi direta. Das respostas para a questão "O que é utopia para você?", duas pessoas disseram não conhecer o termo, uma delas a mais jovem entrevistada, com 13 anos. Uma terceira pessoa associou utopia com aspirações de foro individual.

Reunimos as demais respostas em dois grupos: um deles associando utopia e sonho, e o outro relacionando utopia com a ideia de movimento. Nas menções à utopia como sonho, estes foram tratados tanto como possíveis quanto como impossíveis. Para ilustrar a primeira situação, trazemos a fala abaixo:

*"utopia é um desejo possível de ser realizado, é um sonho que a gente busca. Ele é utópico porque ele é muito distante, mas ele é possível". (3)*

Na citação seguinte, observa-se como a possibilidade está aliada às condições reais e a disposição para a luta:

*"Utopia é de fato um sonho, não é? É um sonho, mas a gente acredita que pode ser realizado. A utopia não pode ser descolada da realidade, é preciso, efetivamente, que seja um sonho que nós tenhamos a mínima condição de construir as possibilidades de alcançar". (15)*

Na próxima fala, a utopia é explicada como algo impossível:

*"Utopia é o que a gente busca, mesmo que racionalmente a gente considere inalcançá-*

*vel. Desde que no caminho a gente considere que exista evolução, exista melhoria e que chegue perto daquilo que a gente idealize". (8)*

No depoimento que segue, a questão da viabilidade é relativizada:

*"Utopia é uma meta, né? É algo que a gente tem como objetivo, que não precisa ser necessariamente atingido, é só um norte, pra gente tomar decisões na nossa vida em prol do bem comum." (6)*

Da identificação entre utopia e movimento, destacamos a ideia central de que ela está associada a motivação:

*"Utopia é um horizonte que se caminha em direção, eu acho. Diria que é algo, a gasolina que nos motiva, pra caminhar". (11)*

*"Utopia é aquilo que nos move, aquilo que nos alimenta, para que a gente continue perseguindo, lutando pelas coisas que a gente acredita". (17)*

*"Nossa, é aquilo que nos faz guiar, continuar nessas lutas, mesmo em um momento de incertezas, de decepções, de retrocesso. Justamente é a utopia que faz a gente caminhar e perceber que pode mudar esse mundo. Então, é base, é aquela gasolina que meio que no sangue que faz a gente tá aqui, faz a gente querer tá em outros espaços e continuar sonhando". (28)*

As dimensões de sonho e movimento acabam se confundindo em muitas respostas. O depoimento que segue é exemplar em revelar a complexidade do tema:

*"Pergunta complicada essa! Utopia é uma coisa que a gente sonha, que a gente espera chegar. Um lugar que a gente espera chegar, talvez". (13)*

A menção a um texto de autoria do cineasta argentino Fernando Birri, conhecido pela voz de Eduardo Galeano, foi a forma como sete pessoas identificaram a utopia, revelando uma visão ambígua sobre o conceito. Nas palavras de Birri: "Para que serve a utopia? Ela está no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos mais longe. Por mais que eu caminhe, nunca a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para fazer-nos caminhar."

Embora com visões diferentes, quase a totalidade dos entrevistados se considera utópico. Muitos fundamentaram sua defesa na insustentabilidade do sistema atual e na necessidade de um futuro melhor. A crítica ao presente motiva a energia utópica, como podemos verificar abaixo:

*"Porque eu vejo que é muito injusto o mundo hoje, assim, sabe?... E tem muitas ideias, muitos projetos, experiências boas e que pode ser diferente. Então, é possível, sabe? É possível, eu vejo coisas boas acontecendo aqui e lá, e vejo que se unir essas coisas dá pra fazer algo maior. É possível!" (1)*

Apesar deste ter sido o motivo preponderante, há respostas que revelam uma interpretação mais filosófica, como abaixo:

*"Eu acho que faz parte do sentido da vida. Eu acho que todo mundo tem que ter um sentido da existência e acho que a utopia faz parte deste sentido do existir, na perspectiva de um bem comum, de uma relação de integralidade entre o social e o individual. Acho que faz parte de um projeto de vida". (33)*

Sobre a relação entre utopia e FSM, o slogan "outro mundo é possível" foi identificado por alguns como uma comprovação desta vinculação. Não houve ninguém que duvidasse desta relação, ao contrário, ela foi defendida e explicada por diversos pontos de vista, alguns deles registrados a seguir.

*"... as pessoas que estão aqui, elas não estão aqui porque acham que outro mundo possível é distante, elas estão aqui porque acham que outro mundo é possível, necessário e urgente, e que possam fazer ele acontecer". (19)*

*"Tem tudo a ver. Acho que é aí, acho que é o momento concreto da utopia... no Fórum você percebe que a utopia tem sentido e você não tá sozinho nesse momento de utopia, tem outros loucos aí atrás dessa utopia que é o que nos faz viver". (28)*

*"Eu acho que em cada roda de conversa, em cada discussão, seja pelos direitos humanos, seja pela saúde da população do campo, que tá morrendo por agrotóxico. Olha quanta utopia temos aqui!" (17)*

*"Eu acho que ele é um espaço de convergência de muitas utopias, em diferentes planos,*

*de utopia de uma forma de organização econômica, de utopia numa perspectiva de sociedade intercultural, na perspectiva da justiça ambiental. Acho que ele é um espaço de convergências de utopias". (33)*

Outra visão reforça o FSM como espaço não só de debates ou de convergência de utopias, mas de utopias já concretizadas:

*"Isso, né, de que diz o slogan, como é que é? Que "um mundo novo é possível". Essa construção e esse balanço que o Fórum tá fazendo agora, dos quinze anos, né? Do que já tem nesse período, do que se construiu nesse período, já não é mais uma meta, talvez inatingível, mas já se alcançou algumas conquistas que hoje podem ser tomadas como referência para talvez, reavaliar algumas coisas e tal. É uma construção constante isso, tua utopia tem isso, ela carrega, ela nunca é um fim em si, ela é uma construção permanente". (6)*

*"porque as coisas se modificam no tempo, né? São quinze anos, né? Mas eu acho que ele ainda, hoje a gente pode falar de experiências, a gente antes falava de ideias só. Só de projeções, de sonhos, né? De possibilidades. Hoje já tem muita coisa concreta, tem experiências concretas né? E que vão alimentando outras possibilidades, outros sonhos, outras utopias". (7)*

A riqueza dos depoimentos dispensa maiores análises. Neles confirmamos a hipótese de que o FSM é um espaço de produção e renovação de energias utópicas, bem como de concretização de experiências, ou, de projetos utópicos colocados em prática.

Retomando o inevitável dilema da utopia como projeto ou ideia impossível ou possível, apresentamos aos participantes a distinção de utopia abstrata e concreta de Ernst Bloch. Nenhum deles havia tomado contato anteriormente com estes conceitos, mas enquanto alguns ficaram apenas pensativos, outros externaram suas visões, e deste conjunto destacamos duas declarações:

*"mas aquela abstrata lá também pode ser uma concreta com o passar do tempo, com a luta que a gente vai fazendo, como a gente vai indo em busca daquela nossa utopia". (3)*

*"acho que no caminho da busca das grandes utopias, óbvio que a gente vai sedimentan-*

*do as pequenas utopias no caminho". (24)*

Por fim, perguntamos como nomeariam suas utopias abstratas e concretas. Quanto às primeiras, sobressaíram: igualdade, paz, justiça, liberdade, e menções a virtudes de um mundo melhor. Quanto à segunda, o socialismo foi a utopia concreta mais citada, seguida pelo comunismo, marxismo e humanismo. Fica evidente a falta de conexão entre as utopias, sobretudo as concretas, com propostas ou vivências mais locais, experiências em processo, projetos exequíveis a curto ou médio prazo. Chama a atenção, mas não deve surpreender, uma vez que é reflexo da ausência de debate sobre o conceito, fruto da imprecisão e da flexibilidade exagerada que o tem caracterizado.

Destacamos, por fim, a presença no evento de três intelectuais que, durante suas intervenções, mencionaram a utopia. Oded Grajew, um dos idealizadores do FSM, declarou sobre o slogan: "Outro mundo possível não é utopia, tem base em experiências, em mostrar coisas exemplares, e Porto Alegre foi escolhida pela experiência no Orçamento Participativo que o governo acolheu como ideia."

Outra figura de destaque na história do FSM, Chico Whitaker afirmou que falar do futuro faz sentido se relacionado com conceito de esperança, mas de um ponto de vista realista. Esta esperança está evidenciada, segundo ele, no slogan "Outro mundo é possível", o qual sofreu um acréscimo posterior: "Outro mundo é possível, necessário e urgente".

A palavra utopia foi pronunciada por outros palestrantes ao longo do evento, mas assim como nos exemplos acima, seu conceito não foi desenvolvido ou problematizado: ela aparece mais como adjetivo que ora parece qualificar e ora desqualificar uma ideia ou projeto.

Reconhecemos uma exceção nas participações de Boaventura Sousa Santos, intelectual português com intenso envolvimento no FSM, em especial nesta edição, e que avançou na questão em foco. Nas várias atividades em que participou como orador, deixou a palavra ou seu conceito mais em evidência. Em uma destas ocasiões, ele nos chama a atenção para a necessidade de exercitarmos nossa imaginação política para, segundo ele: "imaginar o que não existe, mas deveria existir.... Precisamos saber inven-

tar a realidade para frente".

Uma de suas conferências intitulou-se "O futuro da esperança", e nela argumentou que a imaginação política requer um diagnóstico para fundamentar alternativas, para pensar em utopias próprias para o séc. XXI, que ele identifica como porosas, condizentes com um reformismo revolucionário, que vem a contagotas, são frágeis, realistas, incompletas, em contrantes com as utopias modernas e totalitárias do séc. XX.

Boaventura analisa que se na origem do FSM o cenário era de altas expectativas de transformação, mirando um socialismo do séc. XXI, hoje o quadro é de expectativas mais baixas e de lutas defensivas, lutas para manter e não mais ganhar direitos. Para este novo cenário, o autor defende uma maior articulação entre os movimentos sociais que resulte em uma unidade entre eles, assim como a distinção entre a luta principal e as secundárias, e a passagem destas reivindicações para o campo da política.

O autor alia ao diagnóstico sombrio, um convite para cultivarmos a esperança por um mundo melhor, nos convocando a sermos utópicos realistas, pois, segundo ele: "Utopias realistas são como asas com raízes".

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com virtudes celebradas, problemas e lacunas identificados, desafios a serem superados, o FSM persiste como uma agregação de críticos, resistentes e esperançosos, espaço, portanto, para projeções utópicas. O aspecto crítico continua predominante, até porque é o elemento comum aos movimentos que integram o FSM. Por certo ele não é suficiente, mas em tempos de retrocessos, não é pouca coisa...

Se a palavra nem sempre foi enunciada, ou se foi em sentidos controversos, podia-se sentir sua presença, como uma força que chamamos de energia utópica. Aliás, ela poderia ser confundida com o próprio evento. Em torno de um "outro mundo possível" se reúnem pessoas que mesmo sem verbalizarem, assumem a disposição para a utopia, atrevendo-se a "experimentos mentais", imbuídos de um otimismo militante e da missão de cultivar jardins.

Desta utopia sobressai uma vertente crítica quanto à sociedade atual, enquanto que a vertente propositiva fica em segundo plano. A disposição para fazer denúncias ao sistema atual não é acompanhada por dispositivos ou recursos para pensar o novo. De fato, esta tarefa exige mais que a outra, e entendemos que o FSM é um palco privilegiado para isso.

Tendo em vista que os conteúdos utópicos não aparecem atrelados ao conceito de utopia, deveríamos assumir esta dissociação e colocá-la como uma das pautas centrais do evento, e não tratá-la como aspecto acessório ou de menor relevância. Há que se aproveitar a energia utópica ali presente, transformando-a em exercício e favorecendo experimentos de utopias sociais.

Se Thomas More nos deu a palavra, 500 anos atrás, talvez nossa contribuição seja de torná-la menos banal, mas não menos utilizada. Talvez ela deva ocupar o centro do debate, especialmente em eventos desta natureza. Mas, porque a insistência nesta relação entre utopia e FSM? Ou, por que a insistência com o uso da palavra?

Nomear as coisas é uma forma de disputar seu sentido. Revitalizar este conceito potência, faz parte da resistência e da proposição que é próprio da utopia. Neste sentido, a obra de Ernst Bloch nos brinda com uma perspectiva inovadora e positiva, lastreando autores como Harvey e Bauman, fazendo-nos reparar nas utopias concretas, parciais, possíveis, reconhecendo os êxitos dos otimistas militantes do FSM. Nota-se que a questão das utopias especializadas e das utopias sociais não nos parece devidamente compreendida no âmbito do próprio Fórum Social Mundial, mas a valer sua denominação, talvez tenhamos algumas pistas...

More nos presenteou com a descrição imaginativa de sua ilha, contrapondo-a com a situação real da Inglaterra de seu tempo. No entanto, a obra carece de detalhes sobre as condições de possibilidade de instalação e instauração da Utopia, ou melhor, de como foi possível chegar a tal situação. Sem mapas e sem roteiros, seguimos com a esperança de transformar o mundo, robustecidos pela potencialidade dos otimistas, arquitetos e jardineiros!

Uma última nota: o evento foi realizado quando o golpe ainda era uma ameaça

ao Brasil e aos brasileiros e brasileiras, aliás, foi neste espaço denunciado e rejeitado. Menos de 3 meses depois o golpe foi consumado, golpeando várias conquistas destes últimos anos, e pior, a própria democracia. Não podemos deixar que nossas utopias sejam também golpeadas, não podemos nos render ao ceticismo ou pessimismo quanto ao futuro. Mais que nunca, as utopias são requeridas, exigindo de nós um comprometimento e uma perseverança que é própria daqueles que creem nas utopias.

## 6 REFERÊNCIAS

- BACZKO, B. Utopia, **Enciclopédia Einaudi**, v. 5. Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.
- BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. v.1.  
\_\_\_\_\_. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2006. v.2.
- BRASIL, Manuela Salau. **A produção social das utopias: uma análise a partir da economia solidária**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.
- BUEY, F. F. Sobre el movimiento de movimientos. **Revista de Estudios de Juventud**, Madri, n. 76, 2007, pp. 21-36
- FST2016:FSMPoa+15. Disponível em: <<http://forumsocialportoalegre.org.br/fsmppoa15/>>. Acesso em: 10jan. 2016
- HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2004  
\_\_\_\_\_. Organizando para a transição anticapitalista. **Revista Margem esquerda**, São Paulo, n.15, p. 57-80, nov.2010.
- JACOBY, Russel. **Imagem Imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007
- LIMA, C. **Genealogia dialética da utopia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008
- LÖWY, Michael. **Negatividade e utopia do movimento altermundialista**. Lutas Sociais. São Paulo, n. 19/20, jun. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/>>

index.php/ls/article/view/18750/13941>. Acesso em: 12 jan. 2017.

MORUS, T. **A Utopia ou o Tratado da melhor forma de Governo**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 1997.

SOUSA, E. L. A. **Uma invenção da utopia**. São Paulo: Lumme, 2007.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Fórum Social Mundial: manual de uso**. São Paulo: Cortez, 2005.



**REVICE - Revista de Ciências do Estado**  
ISSN: 2525-8036  
v2.n.1 JAN-JUL.2017  
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice  
revistadece@gmail.com

BRASIL, Manuela Salau. Vozes da utopia: Fórum Social Mundial.  
Data de Submissão: 31/01/2017 | Data de aprovação: 18/05/2017

**A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.**

Como citar este artigo:  
BRASIL, Manuela Salau. Vozes da utopia: Fórum Social Mundial. In: **Revive** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 327-355, jan./jul. 2017.